

Copyrighted Material

TEATRO DA PRESENÇA SOCIAL

A ARTE DE FAZER UM
MOVIMENTO VERDADEIRO



ARAWANA HAYASHI

PREFÁCIO DE OTTO SCHARMER
TRADUÇÃO DE MARCELO BRANDÃO CIPOLLA



Copyrighted Material

VOO

問

TEATRO
DA PRESENÇA
SOCIAL



TEATRO DA PRESENÇA SOCIAL

A ARTE DE FAZER UM MOVIMENTO VERDADEIRO

Copyright © 2021 by Arawana Hayashi

Autora: Arawana Hayashi

Tradutor: Marcelo Brandão Cipolla

Coordenação editorial: Claudia Kubrusly e Priscila Seixas

Organização e revisão técnica: Daniela Ferraz

Revisão: Raquel Benchimol

Projeto gráfico: Ricardo Dutra Gonçalves e Kelvy Bird

Ilustração da capa: Kobun Chino Otogawa (“ma” em caligrafia japonesa)

Diagramação: Maurício Carneiro

Catálogo na Publicação (CIP)

Hayashi, Arawana

H413t Teatro da presença social : a arte de fazer um movimento verdadeiro / Arawana Hayashi ; prefácio de Otto Scharmer ; tradução de Marcelo Brandão Cipolla. - 1. ed. - Osasco (SP) : Voo, 2023.

239 p. : il. foto. p&b.

Tradução de: Social presencing theater
ISBN 978-65-89686-55-2

1. Performance (Arte) 2. Corpo humano (Filosofia) 3. Corpo e mente (Terapia) 4. Mudança social I. Scharmer, Otto II. Cipolla, Marcelo Brandão III. Título.

CDD: 700.905

Bibliotecária responsável: Cleide A. Fernandes CRB6/2334



IMPRESSO NO BRASIL



CADEIA RESPONSÁVEL



UM POR UM: CADA LIVRO, UMA CONTRAPARTIDA SOCIAL



PROJETO COLABORATIVO



Reservados todos os direitos de publicação à:

Editora Voo Ltda.

Avenida das Comunicações, 265, Setor 1 MOD A-07,

Osasco/SP – CEP 06.276-190

www.editoravoo.com.br

*Este livro é dedicado a meus preciosos Asher, Bea e Opal,
cujos movimentos naturais e verdadeiros
celebram a bondade desta vida.*

SUMÁRIO

PREFÁCIO

ix

NOTA À EDIÇÃO
BRASILEIRA

xvii

PRÓLOGO

xxi

01

APRESENTAÇÃO
DO TEATRO DA
PRESEÇA SOCIAL

1

02

USOS E BENEFÍCIOS DO
TEATRO DA PRESEÇA
SOCIAL

19

03

DO PRESENTE AO
FUTURO EMERGENTE:
STUCK

33

04

UM SISTEMA VIVO VÊ
E SENTE A SI MESMO:
MAPEAMENTO 4D

61

05

CULTIVO DE UMA PRESEÇA
CORPORIFICADA: A DANÇA
DOS 20 MINUTOS

91

06

O MOMENTO
DESPREOCUPADO DO
MOVIMENTO: DUETOS

111

07

O CORPO SOCIAL:
A DANÇA DOS CINCO

123

08

O QUE VEMOS,
SENTIMOS E FAZEMOS

137

09

CAMPO
SOCIAL:
A VILA

153

10

A PERFORMANCE DA
LIDERANÇA: A DANÇA
DO CAMPO

171

11

O FAZER
ARTÍSTICO E A
ARTE SOCIAL

183

12

ARTE
E
PESQUISA

199

EPÍLOGO

ARTE
E VIDA
COTIDIANA

215

AGRADECIMENTOS

221

NOTAS

233

PREFÁCIO

POR OTTO SCHARMER

Quando conheci Arawana Hayashi, eu estava atuando como cofacilitador de um workshop na Nova Escócia. Os organizadores da conferência haviam estruturado o evento de tal modo que cada workshop combinava com uma equipe diferente de artistas a cada dia. Arawana estava entre esses artistas. No dia em que participou do nosso workshop, apresentou uma prática chamada Dueto, uma espécie de dança meditativa, de exploração. Para demonstrar a prática ao grupo, ela precisava de um parceiro e me escolheu. Acho que não tive escolha (provavelmente teria tentado evitar esse papel).

O que me lembro dessa dança? Não muito — exceto que ela mudou minha vida em menos de cinco minutos. Em poucos instantes, entrei num estado diferente de consciência e atenção ao que queria surgir a partir do “campo social” — ou seja, a partir da qualidade das relações que temos uns com os outros, conosco mesmos e com a situação que se desenrola.

Em boa parte da nossa vida, nossa atenção tende a ser distraída pelo futuro ou pelo passado, pela preocupação com o amanhã ou pela tristeza em relação às coisas que fizemos ou deixamos de fazer ontem.

Na realidade, contudo, há somente um ponto a partir do qual podemos ter uma participação ativa, enquanto seres humanos, no desenvolvimento do universo: o agora. A ligação com o agora nos permite sentir as ressonâncias do passado assim como a ressonância do futuro que quer emergir.

Se partirmos do pressuposto de que isso é verdade, a questão que se apresenta é: como fazer isso? Como nos apoiar no momento presente de modo tal que nos permita sentir a ressonância das nossas mais elevadas possibilidades futuras? Como fazer isso enquanto indivíduos? Como fazer isso enquanto grupo? Como fazer isso enquanto organização ou sistema social mais amplo?

Este livro é inteiro sobre o como. Lança os fundamentos de uma nova disciplina, chamada Teatro da Presença Social. Arawana foi a cocriadora dessa nova forma de arte social: um conjunto de métodos e ferramentas que, pelo mundo afora, agentes de mudança estão usando para facilitar a mudança transformadora em seus relacionamentos, em suas comunidades e organizações, em órgãos governamentais locais e nacionais e em instituições internacionais como a Organização das Nações Unidas. Essa comunidade de agentes de mudança, que vem crescendo rapidamente, sabe que, para de fato mudarmos o mundo exterior, precisamos primeiro mudar o lugar interior a partir do qual operamos, tanto na qualidade de indivíduos quanto na de comunidades.

Se estou surpreso ao ver essa prática, baseada na arte social, ser adotada por tanta gente? Na verdade, não. Seu potencial se evidenciou desde aquele primeiro momento em que conheci Arawana. Simplesmente levou algum tempo para se desdobrar, se manifestar. E é claro que demandou muito trabalho, tanto da parte de Arawana quanto do maravilhoso núcleo global de colaboradores e cocriadores que ela reuniu e com quem trabalhou ao longo dos anos. A publicação deste livro é um marco importantíssimo nessa trajetória, que ainda não terminou.

Publicar este livro também representa um momento crucial na história do Presencing Institute. Fundado por Arawana, por mim e

por um pequeno círculo de colegas que se reuniram em Boston em dezembro de 2005 durante uma nevasca, o Presencing Institute lançou raízes e agora é formado e moldado conjuntamente por uma vibrante comunidade de agentes de mudança inspirados pela transformação sistêmica baseada na consciência.

Mas e daí? Por que isso é importante?

Todos sabemos que vivemos numa época de profundas rupturas, um período marcado por términos e começos. O que está acabando é uma civilização cujo modo de operação gira em torno do ego. O que quer nascer é uma civilização diferente, fundamentada na consciência do “eco” — ou seja, do todo, do campo social inteiro. Nas palavras tão eloquentes de Arawana: “A consciência do campo social é o único remo ou leme de que o barquinho [da nossa situação atual] dispõe ao partir [...] rumo ao desconhecido”.

Este livro fala desse leme, um leme que está à disposição de todos e de cada um de nós. A consciência do campo social proporciona um leme prático para guiar nosso barco — nossas comunidades — numa época de profunda ruptura e mudança para indivíduos, grupos, organizações e sistemas.

Hoje, temos muito conhecimento sobre o que está quebrado. Também sabemos o que deveríamos fazer para reverter o aquecimento global e lidar com as piores situações de desagregação e colapso ambiental e social. Mas estamos fazendo o que deveríamos? No geral, não. Ao contrário, com demasiada frequência, produzimos, coletivamente, resultados que não interessam a ninguém. Dizemos uma coisa e fazemos outra. Como, então, podemos lidar com essa cisão entre a cabeça e as mãos no nível de sistemas inteiros?

A meu ver, só há uma maneira: pela ativação da inteligência do coração. Para isso, as artes sociais são importantíssimas, e o Teatro da Presença Social dá uma contribuição profunda para a evolução do pensamento sistêmico. Ele nos permite evoluir o estado da arte tradicional da mudança sistêmica ao fundir os métodos e as ferramentas do pensamento sistêmico com os do sentir sistêmi-

co (*systems sensing*). O Teatro da Presença Social oferece um novo núcleo metodológico que, no decorrer dos últimos anos, se tornou parte de um novo vocabulário da mudança sistêmica baseada na consciência.

Quando trabalho com grandes organizações e instituições para produzir inovação e mudança em prol da transformação, por que uso com tanta frequência os métodos e as ferramentas do Teatro da Presença Social? Porque ele é um instrumento extremamente eficaz para ajudar um sistema a sentir e a ver a si mesmo. Em outras palavras, num período muito curto, ele é capaz de mudar a conversa de modo debate para diálogo, é capaz de mudar o nível de escuta de superficial para profundo e de criar uma linguagem nova que permite aos participantes mudar a qualidade de sua interação de uma visão de silo para uma visão sistêmica. Em suma, ajuda agentes de mudança a lançar luz sobre e a trabalharem com alguns dos pontos cegos e barreiras estruturais mais profundos que impedem os sistemas de evoluir naturalmente.

No âmago de todas as trajetórias de mudança sistêmica baseada na consciência há algo muito simples: uma mudança no núcleo íntimo a partir do qual operamos. É uma mudança da cabeça para o coração e do coração para as mãos — ou seja, para o corpo inteiro, ou para o sistema inteiro. Os métodos e as ferramentas do Teatro da Presença Social proporcionam uma nova gramática social, da qual precisamos para decifrar as novas ondas de ruptura que nos atingirão nas décadas seguintes e para lidar com elas.

Friedrich Nietzsche disse certa vez que sua tarefa era “olhar para a ciência pela ótica do artista, mas olhar para a arte pela ótica da vida”. Isso resume o que nós aspiramos no Presencing Institute, e o que Arawana, pelo seu trabalho com o Teatro da Presença Social, vem fazendo pioneiramente por mais de quinze anos.

“Olhar para a ciência pela ótica do artista” significa aprofundar a atividade científica, desde o ato de ver o mundo como ele é agora para o ato de vê-lo à medida que emerge. E o único jeito de fazer isso é

integrar os conhecimentos de primeira, segunda e terceira pessoa na investigação científica. É exatamente isso que Arawana descreve nos últimos capítulos do livro.

“Pela ótica do artista” significa do ponto de vista de agentes de mudança e não de meros espectadores. Arawana escreve: “Junto dos que estão próximos de nós e dos que estão espalhados pelo planeta, cocriamos as sociedades em que vivemos”. E ela continua, fazendo suas as palavras de Joseph Beuys: “Nesse sentido, todos nós somos artistas sociais”.

Talvez esta seja uma das ideias mais profundas que este livro traz ao mundo: de que todos nós somos artistas sociais que realizamos juntos nossa escultura social global — a soma de todos os nossos relacionamentos — a cada momento. No entanto, o modo como fazemos isso, com muita frequência, ignora os princípios centrais que fazem as práticas do Teatro da Presença Social serem tão generativas. Talvez o princípio mais importante seja o realinhamento entre a atenção, a intenção e o comportamento. Quando o elo de realimentação entre esses três elementos se fecha, é como se o leme de que Arawana fala fosse utilizado, ou descoberto, no contexto de nosso campo social integral.

“Olhar para a arte pela ótica da vida” é o que Arawana faz por meio de práticas que dão voz à mãe natureza (para transpor o divisor ecológico), às comunidades marginalizadas (para transpor o divisor social) e aos jovens e às gerações futuras (para transpor o divisor espiritual).

As palavras de Nietzsche falam da essência do Teatro da Presença Social porque, como Arawana explica, a palavra “teatro” é derivada do grego *theatron*, um “lugar para ver”, e de *theasthai*, “contemplar”. Ou seja, o ato de tornar algo visível é a essência do teatro. A palavra “teoria” é derivada do grego *theorein*, que significa “considerar”. Segundo algumas fontes, era usada com frequência para significar o ato de “olhar para” um palco de teatro. Em resumo, o teatro e a teoria têm muito mais em comum do que a maioria das pessoas poderia pensar. Ambos tratam, essencialmente, de tornar algo visível — e é exatamente

te isso que faz o Teatro da Presença Social. Ele torna visíveis as estruturas invisíveis do campo social que moldam nosso comportamento coletivo. Fazer isso pela ótica de um artista significa fazê-lo pelos atos de sentir e moldar o mundo em conjunto. Uma consciência mais intensa do nosso próprio poder de ação talvez seja mais necessária hoje do que em qualquer outra época da história recente.

O que é, então, o Teatro da Presença Social? É um presente que não poderia ter surgido num momento melhor. É um presente que permite nos conectarmos melhor com a essência da nossa humanidade e remodelarmos nossos relacionamentos a partir desse lugar. É um presente que nos ajudará a reimaginar e remoldar o ensino e a liderança daqui em diante, mediante a integração da ciência, da arte social, da mudança e de transformações da consciência do ego ao eco, da visão de silo para a visão sistêmica, ajudando-nos a descobrir o “leme” que nos permitirá navegar o nosso curso em meio aos profundos desafios da nossa época.

NOTA À
EDIÇÃO
BRASILEIRA

POR ARAWANA HAYASHI

Conheci Daniela Ferraz em São Paulo, quando ela e Mille Bojer trabalhavam com a Reos Partners. Depois, conheci-a melhor quando ela fez o primeiro curso de um ano de Teatro da Presença Social, em Nova York, há quase dez anos. Sua presença enraizada no corpo, sua sensibilidade natural ao movimento e sua devoção ao trabalho de introduzir a sabedoria do corpo nas transformações sistêmicas me impressionaram. De lá para cá, ela tem continuado a liderar a prática do Teatro da Presença Social no Brasil e na América Latina, e fiquei muito feliz, além de honrada, quando me disse que comandaria os esforços de tradução de *Teatro da Presença Social – A arte de fazer um movimento verdadeiro* para o português e daria início ao processo de publicação do livro no Brasil.

Assim, com o apoio de muitos amigos no Brasil, a edição brasileira do livro se concretizou. Que conquista de amor e de dedicação! Estou contentíssima pelo fato de o livro estar à disposição dos praticantes atuais e futuros do Teatro da Presença Social e da Teoria U. Embora as práticas em si sejam, em sua maioria, não verbais e centradas no corpo, o livro procura pôr em palavras a história, o ponto de vista e

a intenção do trabalho. As práticas foram criadas para reconhecer e celebrar a sabedoria fundamental de todas as pessoas – o cuidado e a conexão que temos uns com os outros, com todos os seres vivos e com a própria Terra.

A ideia de que todos os sistemas são fundamentalmente saudáveis liberta as práticas de uma mentalidade limitada, de resolução de problemas, e nos chama à reflexão, à nossa compaixão inata e a avançarmos corajosamente rumo a um futuro desconhecido. As práticas foram criadas para trazer à tona as ações hábeis que não somente nos beneficiarão neste momento, mas também nos ajudarão a projetar um futuro justo e compassivo para as gerações vindouras.

O Brasil, com a vibrante diversidade de seu povo, dos outros seres vivos e da sua natureza em geral, tem um imenso potencial de transformação. Nossos amigos do Teatro da Presença Social e da Teoria U no Brasil vêm cultivando há anos o rico solo social do país. Somos imensamente gratos por sua devoção e cuidado na criação de um mundo bom. Que este livro possa contribuir com seus esforços. Eu e toda a comunidade do Teatro da Presença Social no Presencing Institute expressamos nossa profunda gratidão pelo trabalho de vocês e por estarem disponibilizando este livro em português.

PRÓLOGO

Os desafios da nossa época exigem uma ação corajosa baseada em sabedoria e cuidado profundos. Cada um de nós é dotado de sabedoria e da capacidade ilimitada de amar o nosso mundo natural e de criar, junto de todos os outros, uma sociedade humana boa. Para fazer isso, também precisamos de ensinamentos e práticas, e precisamos uns dos outros. Precisamos de práticas cotidianas que tragam à tona a clareza e o calor que habitam em nós, tanto individual quanto coletivamente — atividades que alimentem nossa criatividade inata.

A beleza das atividades cotidianas pode nos lembrar que a vida do dia a dia é um processo criativo. Criamos refeições, vida familiar, e-mails, cooperativas de alimentos, equipes no trabalho, projetos, relacionamentos. Com os que estão próximos de nós e com os que estão espalhados pelo planeta, criamos juntos as sociedades em que vivemos. Nesse sentido, todos nós somos artistas sociais. A questão que surge é: individual e coletivamente, estamos criando o mundo que queremos para nossos filhos e netos?

Desde as primeiras aulas no estúdio de dança da Srta. Gensler, em Cleveland, Ohio, quando eu tinha cinco anos, dediquei toda a minha vida às artes cênicas. Já a prática da meditação entrou na minha vida há quase cinquenta anos. Ensinar e cocriar experiências de movimento

em escolas, teatros e ambientes comunitários produziram em mim a convicção de que inovação social é o que as pessoas gostam de fazer. As interações da vida cotidiana, a meditação e a mudança social se unem no Teatro da Presença Social, uma série de atividades e reflexões corporificadas que dão apoio à transformação pessoal, à criatividade social e à mudança sistêmica. Com colegas do Presencing Institute, uma rede global de indivíduos e organizações envolvidos com mudança sistêmica baseada na consciência, eu tenho, desde 2004, dirigido a criação dessa forma de arte para trazer à tona a compreensão que vive na inteligência do nosso corpo e na conexão comum, ainda que profunda, que temos uns com os outros.

O Teatro da Presença Social nos convida a acessar nossa criatividade natural e nossa capacidade inata de corporificar plenamente a “performance”¹ de ser um ser humano. Minha intenção com este trabalho é oferecer práticas de movimento que apoiem as pessoas e as ajudem a reconhecer a sabedoria enraizada no corpo, a compaixão e a coragem de agir que existem nelas e em todos nós. Diante dos imensos desafios ambientais, sociais e espirituais de hoje, podemos acabar nos desligando da bondade humana fundamental que vive em nossa presença corporificada. Descrevo, assim, os três rios que desembocaram no Teatro da Presença Social e moldaram minha intenção: a mudança social, a improvisação e a dança meditativa. Antes disso, contudo, vou partilhar um mito, recolhido de minha ancestralidade japonesa, que fala de um método artístico pouco ortodoxo usado em tempos difíceis. Sua mensagem está no âmago deste trabalho.

Amaterasu-Ōmikami, a deusa do sol, é a principal divindade do xintoísmo japonês. Ela teve dois irmãos: Tsukiyomi-no-mikoto, a lua, e Susanoo, a tempestade. Tsukiyomi-no-mikoto não viu problema em partilhar os céus com a irmã. Susanoo, contudo, expressou sua infelicidade por ter sido relegado aos oceanos cá embaixo e causou tamanha devastação que acabou por destruir o equilíbrio entre o Céu e a Terra. Criou eventos climáticos terríveis, profanou os locais sagrados da natureza e, por fim, matou uma das servas de que a irmã mais gostava.

Já não havia luz e calor nem no Céu nem na Terra. Amaterasu-Ō-

-mikami ficou tão brava que se escondeu numa caverna. Do lado de fora, a comunidade dos deuses e deusas se reuniu. Eles imploraram e rezaram. Trouxeram um galo, cujo cacarejar normalmente assinalava a primeira luz da alvorada. Trouxeram oferendas — uma árvore sagrada sobre a qual penduraram joias e um espelho. O sol, no entanto, não saiu. Os deuses ficaram com mais medo ainda.

Foi então que a deusa Ame-no-Uzume-no-mikoto deu um passo à frente. Emborcou uma tina de madeira, subiu na tina e deu início a uma dança lúdica. Puxou a saia para cima e bateu os pés. A comunidade ficou chocada, mas, à medida que ela prosseguiu, todos começaram a rir.

Amaterasu-Ōmikami ficou curiosa. Por que estavam rindo num momento tão grave? Interessada, rolou a pedra que fechava a entrada da caverna e espiou. Pela fenda, viu sua própria imagem luminosa no espelho que a comunidade pendurara na árvore *sasaki*. Sua curiosidade e o reconhecimento de seu próprio brilho a seduziram e a atraíram para fora. A comunidade apressou-se a fechar a caverna, colocando na entrada uma corda especial de palha trançada.

Diz-se que Ame-no-Uzume-no-mikoto é a deusa das artes, do entretenimento, do regozijo, da folia, da alegria, da harmonia e da meditação. Seus nomes de honra significam “A Grande Persuasora” e “A Mulher Celestial Alarmante”. É celebrada no Grande Santuário de Tsubaki em Mie, no Japão, e sua história é contada há gerações. A escuridão não a derrotou. Ela reconheceu o próprio papel e teve a coragem (ou a loucura) de agir. Seu gesto novo e inesperado celebrou a vida e foi o “movimento verdadeiro” que atraiu o sol para fora de seu esconderijo. O movimento verdadeiro da comunidade foi a sabedoria de trazer o espelho que permitiu à deusa solar contemplar sua própria natureza luminosa e voltar ao mundo. Eles não se esqueceram da luz dela.

Essa história me lembra que os desafios de hoje pedem uma ação audaciosa e sábia. Com o Teatro da Presença Social, aspiramos a dar apoio aos movimentos verdadeiros dos indivíduos e da coletividade

que revelam nosso brilho pessoal, organizacional e social a fim de lançar luz e calor sobre a densidade dos desafios atuais.

Para mim, a história da dança como mudança social começou no verão de 1968, quando o assassinato de Martin Luther King Jr. havia aprofundado a tensão e a polarização raciais em todos os Estados Unidos e em Boston, uma cidade em que sempre houve a prática da segregação racial. Naquele verão, comecei a trabalhar num programa chamado Summerthing, um festival de artes nos bairros patrocinado pela Secretaria da Cultura da cidade. Nos anos seguintes, reuni uma trupe de jovens bailarinos. Criamos uma performance que levamos, sobre um palco móvel, a todos os bairros de Boston que estavam divididos pela violência e pela desconfiança. Metade dos bailarinos era negra e a outra metade, branca, e havia também eu, uma norte-americana de origem asiática.

Naqueles dias quentes de verão, os habitantes dos bairros e conjuntos habitacionais negros, irlandeses, italianos e do sudeste asiático saíam para assistir às apresentações. Embora tenham nos aconselhado que em alguns bairros deveríamos fazer o que tínhamos de fazer e “cair fora” bem rápido, às vezes as pessoas ficavam por ali e conversavam conosco. Crianças perguntavam se éramos todos da mesma família.

O Summerthing então evoluiu e se tornou uma companhia de dança chamada City Dance Theater, que levava programas e workshops para as escolas de Massachusetts sob os auspícios da Young Audience e a bondosa orientação de seu diretor executivo, Jack Langstaff. Lembro-me de que nos apresentamos no Washington Square Park, na cidade de Nova York, no primeiro Dia da Terra, em 22 de abril de 1970, unindo-nos a outros artistas pelo ativismo ambiental. Embora a dança já desempenhasse um papel essencial em minha jornada pessoal, foi então que compreendi a força que as experiências de movimento, firmemente arraigadas em comunidades, escolas e questões sociais ou ambientais, têm para promover o aprendizado enraizado no corpo, a colaboração e a cura.



Figura 1: City Dance Theater, Summerthing, Boston, MA, 1972.
Dançarinos: Barbara Demps,Wi, Millard Hurley, Idris Al-Sabry, Jerry Puciato.
Foto: Janet Hurwitz.

Embora minhas linhagens ocidentais de dança sejam o balé clássico e o Estúdio de Merce Cunningham, sou antes de tudo uma improvisadora. Fui influenciada pelos dançarinos pós-modernos da Judson Church nas décadas de 1960 e 1970, que exploravam o movimento cotidiano dos pedestres como dança e expandiram a própria definição de dança. Uma das dádivas mais preciosas que recebi da minha vida como dançarina foi a de ter trabalhado com diversos grupos de performance improvisada — inventando as coisas espontaneamente, no calor do momento e com outras pessoas. Minha vida como improvisadora começou quando conheci Jamie Cunningham em Nova York, também em 1968. Lembro-me de que, certa vez, logo antes de subirmos no palco numa das performances de sua companhia, Jamie disse: “Se você não tiver vontade de fazer o que planejamos, faça o que quiser, e eu a acompanharei”. Não saber o que vai acontecer é algo que me agrada e que também vive no Teatro da Presença Social.

O peso do caos social e pessoal da década de 1970 e uma coincidência auspiciosa me levaram a começar a estudar meditação com o mestre de meditação e autor tibetano Chögyam Trungpa, Rinpoche (Rinpoche é um título tibetano que se dá a um mestre reverenciado). Ele próprio era artista e deu uma série de cursos sobre *Dharma Art* (Arte do Dharma), que chamava de “atividade de não agressão”. Ele dava ênfase à meditação na ação e à arte na vida cotidiana. Para ele, a arte era uma força poderosa para criar o que chamava de uma sociedade iluminada. Seus ensinamentos sobre a arte podem ser encontrados no livro *True Perception*.² Ele também escreveu poemas e peças de teatro e desenvolveu um treinamento teatral baseado na dança monástica tibetana, ao qual deu o nome de Consciência Espacial do Mudra. Esses ensinamentos estão embutidos no Teatro da Presença Social.

Durante os poucos anos em que fui codiretora do programa de dança da Naropa University (fundada por Chögyam Trungpa) em Boulder, Colorado, me beneficieei muito de uma comunidade de colegas que incluía a dançarina Barbara Dilley, o ator Lee Worley, o poeta Allen Ginsberg, o músico Jerry Granelli e muitos outros. Estabeleceu-se ali um elo firme entre a meditação e o fazer artístico. Lee, Jerry e

eu trouxemos esse elo para um contexto educacional, dando apoio a professores que quisessem integrar práticas artísticas contemplativas em suas salas de aula, num programa de Artes na Educação financiado pela Rockefeller Foundation. Hoje em dia, o Teatro da Presença Social é um campo de prática em que a consciência meditativa é aplicada ao movimento e ao espaço.

Uma sugestão de Trungpa Rinpoche me conduziu a uma prática de dança que, na aparência, encontra-se no lado oposto do espectro em relação à improvisação. Em 1977, comecei a estudar o Bugaku, a dança da corte japonesa, com Suenobu Togi, Sensei (Sensei é um título japonês que significa “professor”), cujos antepassados tinham sido músicos e dançarinos da corte no Departamento de Música da Casa Imperial Japonesa desde o período de Nara, há 1.300 anos. As danças mudaram muito pouco desde então. Essa arte completa é chamada Gagaku, a música elegante da corte japonesa. Togi Sensei, músico talentoso além de belo dançarino, acabou entrando para o corpo docente do Departamento de Etnomusicologia da Universidade da Califórnia em Los Angeles. Ele era a corporificação viva de sua arte e um professor extraordinário. Ter sido sua aluna por trinta anos e ter me apresentado com amigos que também se apaixonaram por essa forma de arte foram grandes bênçãos da minha vida.

Minha experiência ao dançar o Bugaku confirmou para mim que cada momento da dança, à medida que ela surgia, era repleto de uma sensação de vastidão, aliada a uma conexão íntima com os outros artistas e com o público. Mesmo depois de apresentar essas danças centenas de vezes, cada momento se fazia sentir vívido e direto, natural e completamente comum — um momento de viver no corpo, ligada à Terra, no espaço aberto do não saber o que vem a seguir. Nossa trupe de músicos e dançarinos não primava pelo virtuosismo, e ainda assim as apresentações sempre criavam uma atmosfera de frescor.

A apresentação do Bugaku parece um ritual para iluminar o espaço. Tem um efeito parecido com o das cerimônias de *smudging* (queimar feixes de sálvia seca) ou de oferecer a fumaça do zimbros — cerimônias

que têm sido executadas por povos indígenas há milhares de anos. Essas cerimônias limpam a atmosfera, permitindo que a energia positiva fortaleça o local e as pessoas. A apresentação de Bugaku parece evocar energia — trazendo-a, talvez, do céu aberto para a Terra. Nos concertos de jazz, às vezes as pessoas negras gritam “Axé” quando a música decola. Já me disseram que os sufis gritam “Allah” em certos momentos durante a dança dos dervixes. A própria forma artística atrai uma energia que quase parece ser uma entidade.

O Bugaku foi criado há séculos para trazer harmonia ao mundo, unindo a vasta extensão da visão aos mundos natural e humano. A música marcante, a riqueza do figurino, os padrões de movimento dos dançarinos — tudo isso cria uma beleza imediata e atemporal. Originalmente, o Bugaku só era apresentado no ambiente de elite da corte imperial ou nos santuários, em palcos ao ar livre montados em meio a um ambiente natural. Diz-se que sua apresentação atrai os *kami*, os deuses. Tinha-se como certo que essa forma de arte evocava a energia pacífica do Céu, da qual os líderes necessitavam a fim de entrar em comunhão com sua sabedoria intrínseca e sua liderança compassiva. Essa história me lembra de Ruth Bader Ginsburg, juíza da Corte Suprema norte-americana, que ouvia ópera para sentir a plenitude da humanidade. Imagino que essa forma de arte proporcionava inspiração e força à sua liderança. A ideia de que as artes podem evocar a sabedoria do ser humano e fortalecer uma liderança inspirada nunca me abandonou. Ela é o DNA do Teatro da Presença Social.

Alguns dizem que, hoje, estamos vivendo numa era de escuridão: a crise climática global, a dolorosa desigualdade social, o racismo estrutural, as ameaças à saúde em nível mundial e a consolidação de visões políticas que não admitem o diálogo nem “se colocar no lugar” de outras pessoas. Todas essas condições contribuem para uma sensação de que o potencial humano vem se obscurecendo. São sinais de um apagamento do brilho natural dos seres humanos. Nós temos a forte intenção de que o Teatro da Presença Social possa contribuir para evidenciar o brilho da sabedoria humana — a luz da inteligência aliada ao calor do apreço, da bondade e do cuidado.

As práticas são para aqueles entre nós que celebram o caráter simples e comum deste momento da vida e que, assim fazendo, talvez reconheçam sua sacralidade. Embora o Teatro da Presença Social seja muito diferente de um brilhante conjunto de jazz ou de dervixes que giram com serenidade, também ele tem antepassados culturais — líderes artistas cujas apresentações beneficiavam o mundo. A presença plena nos momentos comuns da vida lhes permitia entrar em contato com uma força que, desperta e sem esforço, os assistia, protegia e fortalecia à medida que desempenhavam a tarefa cotidiana, porém sagrada, de criar uma boa sociedade humana. Que nós, os herdeiros, continuemos fazendo o mesmo enquanto nos tornamos os antepassados daqueles que ainda vão nascer.

No decorrer dos anos, muita gente pediu um livro sobre as origens e os princípios básicos desse trabalho e ofereceu seu apoio. Dois dos primeiros professores do Teatro da Presença Social, Manish Srivastava e Kate Johnson, começaram a coletar o que chamavam de “pepitas”: os temas importantes do trabalho. Essas pepitas se tornaram uma coletânea de questões e princípios, que me esforcei para apresentar neste livro da melhor maneira possível. O Teatro da Presença Social teve muitos cocriadores, e por isso tem muitas histórias. A minha é apenas uma delas.

Dei aulas de movimento e criei danças durante quase quarenta anos, e, para falar a verdade, pouquíssimas pessoas se interessavam. Foi então que, em 2003, conheci Otto Scharmer, professor visitante e especialista em pesquisa-ação da Sloan School of Management (Escola Sloan de Administração) no Massachusetts Institute of Technology (Instituto de Tecnologia de Massachusetts — MIT), em Cambridge, Massachusetts. Ele é o fundador do Presencing Institute. Por algum motivo, ele se interessou. Comecei a trabalhar com ele e com Peter Senge, professor visitante na Escola Sloan do MIT e fundador da Society for Organizational Learning (Sociedade para a Aprendizagem Organizacional — SOL), que, em seus programas, oferece sessões de consciência panorâmica e presença corporificada. Naquela época, muitos participantes pensa-

vam que a atenção plena não tinha nada a ver com a vida profissional e com os processos de mudança sistêmica — e que trabalhar com o corpo nesses contextos era apenas uma esquisitice. Poucos frequentavam nossas sessões matinais de consciência panorâmica. Durante as sessões de presença corporificada, os participantes muitas vezes alegavam uma emergência profissional ou, por motivos desconhecidos, simplesmente não compareciam.

Otto, Peter, Katrin Kaeufer e outros colegas “respeitáveis” estenderam suas asas protetoras para me apoiar. Katrin é diretora-executiva do Presencing Institute e pesquisadora associada sênior do Community Innovators Lab (Laboratório de Inovadores Comunitários do MIT — CoLab), no Departamento de Estudos Urbanos e Planejamento Urbano. As pessoas que participavam de seus programas diziam: “Bom, se eles dizem que isso é importante, não custa experimentar”. Sem o apoio deles, o Teatro da Presença Social não teria conseguido criar raízes no solo da mudança sistêmica.

Hoje, atenção plena³ é um termo familiar para muita gente dedicada ao trabalho de mudança. Muitos líderes e inovadores sociais reconhecem a necessidade de cultivar as capacidades de pensar com a mente aberta e ouvir de forma compassiva. Reconhecem o valor da quietude e da reflexão em suas vidas. Nos primeiros anos da nossa colaboração, Otto e outros colegas uniram as práticas de presença corporificada a investigações sobre questões sociais específicas, criando assim o Teatro da Presença Social. Essas práticas são, hoje, elementos inalienáveis das metodologias criadas pelo Presencing Institute para dar apoio a quem se dedica à mudança organizacional e social.⁴

Em razão dessa expansão do interesse, os praticantes vêm introduzindo suas próprias variações e mudanças nas práticas. Alguns trazem o Teatro da Presença Social para o campo do clima e da justiça social, lidando com questões como trauma, conflito e violência racial. Agrada-me ver a proliferação de reuniões e cursos auto-organizados de Teatro da Presença Social na Europa e nas Américas do Norte e do Sul, onde os colegas aprendem uns com os outros. Durante a pandemia da covid-19, os praticantes do Teatro da Presença Social começa-

ram a oferecer cursos e reuniões on-line para beneficiar um mundo onde o distanciamento físico era a norma.

À medida que o Teatro da Presença Social é conduzido em múltiplas direções por múltiplos praticantes, parece que chegou a hora de registrar por escrito parte de sua história e partilhar os princípios a partir dos quais surgiu. Incluem-se aqui instruções para algumas práticas, mas este volume não tem a intenção de ser um manual detalhado para a prática. Aprender uma prática de movimento por meio da leitura de um livro tem suas limitações. Existem cursos presenciais e on-line. Incluí no livro algumas histórias narradas por praticantes do Teatro da Presença Social, e meus colegas próximos Manish Srivastava e Daniel Ludevig contribuíram com alguns estudos de caso, relatando experiências com alguns clientes. No entanto, o livro trata antes de tudo das origens e da visão deste trabalho.

Embora a maioria das pessoas se refira ao Teatro da Presença Social pela sigla TPS (ou SPT, em inglês), honrei a sugestão de Richard Reoch, um de meus queridos leitores, de me referir ao trabalho por seu nome inteiro, Teatro da Presença Social, ao longo de todo o livro.

A maior parte deste livro foi escrita antes da pandemia global, e não inclui a miríade de protótipos e ofertas do Teatro da Presença Social que foram realizados on-line. Nós continuamos aprendendo sobre o poder deste trabalho à medida que nos relacionamos uns com os outros no ambiente virtual. Vemos a atenção cuidadosa dedicada por pessoas que não conhecemos ao testemunhar as formas que outras pessoas expressam no corpo. Somos enriquecidos pelas ideias partilhadas e inspirados pela sensação de uma conexão global. Envolvemo-nos com percepções sensoriais que não sabíamos que tínhamos, à medida que construímos campos sociais saudáveis no ambiente virtual. Espero que, no futuro, outra pessoa possa escrever sobre a evolução do Teatro da Presença Social on-line. Agradeço àqueles que pediram (na verdade, insistiram) que este livro fosse escrito, especialmente Otto Scharmer e Katrin Kaeufer.

01

APRESENTAÇÃO DO TEATRO DA PRESENÇA SOCIAL

Desde 2007, eu e outras pessoas temos oferecido programas do Teatro da Presença Social na Europa, nas Américas do Norte e do Sul, na Ásia, na Austrália e na África. Hoje, muitos praticantes do Teatro da Presença Social estão usando esses métodos para provocar mudanças em suas organizações e comunidades. Desde 2009, Michael Stubberup, Ninni Sodhal e outros membros da comunidade de meditação Vaekstcenterest, no minúsculo povoado de Norre Snede, na Dinamarca, vêm promovendo reuniões anuais em que praticantes e pesquisadores se encontram para aprofundar sua prática e integrar a meditação baseada na consciência panorâmica com métodos de pesquisa. Os anfitriões fazem o almoço para nós todos os dias e, quando estamos todos reunidos, muitas vezes nos apresentam os pratos que cozinham e os descrevem para nós. Com toda a formalidade, dizem o nome de cada prato e, depois, nos desejam “bon appetit”.

Do mesmo modo, este livro é uma apresentação bastante formal de cada uma das práticas do Teatro da Presença Social. Eu começo apresentando o Teatro da Presença Social como um todo. Muitos tenta-

ram, sem tanto sucesso, desenvolver uma descrição rápida do Teatro da Presença Social, mas não é fácil fazer isso. Ele existe num contexto profissional com que nem todas as pessoas estão familiarizadas. Quando me deparei pela primeira vez com o mundo da mudança sistêmica, nunca havia ouvido ninguém dizer que trabalha como “facilitador de mudança” e pensava que o *coaching* era algo reservado aos esportes. Esses papéis eram novos para mim. Do mesmo modo, o uso de palavras e expressões como “corporificação” ou “presença corporificada” (*embodiment*), “consciência panorâmica” (*awareness*) e “mudanças do campo social” (*social field shifts*) para descrever o Teatro da Presença Social não ajudará a esclarecer o trabalho para muita gente. Ao longo dos anos, ao fazer um check-up com meu dentista, volta e meia ele tornava a me perguntar: “O que é mesmo que você faz?”. Procuro responder da melhor forma possível e vejo a nuvem de “Do que essa mulher está falando?” cobrir-lhe o rosto. É difícil formular uma descrição breve.

Além de querer saber o que ele é, a pessoa pode também se perguntar por que o Teatro da Presença Social é importante. Por que isso me interessa? Voltemos aos almoços na Dinamarca. Os cozinheiros não nos dizem que cada um dos pratos é nutritivo, pois somos capazes de reconhecer sozinhos os benefícios dos ingredientes naturais e o cuidado dispensado na sua preparação. Do mesmo modo, quando tomamos contato com o Teatro da Presença Social, somos capazes de sentir os benefícios dos movimentos e dos sentimentos que eles geram. No entanto, por ser o Teatro da Presença Social uma arte do movimento, minha capacidade de capturá-lo em palavras é muito limitada. Estes dois primeiros capítulos procuram dar uma ideia do valor do Teatro da Presença Social descrevendo o que ele é, quais são alguns de seus princípios subjacentes e como ele vem sendo usado. No decorrer de todo o livro, histórias breves narradas por praticantes do Teatro da Presença Social colocarão em evidência o “valor nutritivo” do trabalho para cada um de nós e para os “corpos sociais” com os quais trabalhamos e vivemos.



Continue sua leitura do livro!



[CLIQUE AQUI](#) para comprar seu exemplar
ou acesse pelo QR Code abaixo.



Arawana Hayashi é uma mestra. Ela inventou uma forma pela qual as pessoas aprendem a usar o corpo para explorar, individual e coletivamente, o que o intelecto nunca será capaz de captar por inteiro — as estruturas sociais complexas que nós humanos criamos e nas quais ficamos presos. Ela criou um veículo maravilhoso para orientar essa jornada.

— Peter Senge, MIT e Center for Systems Awareness

A narrativa de Arawana, clara e leve, nos convida a novas maneiras de estar juntos — ela explora como podemos colaborar para além das palavras, nos tornar mais presentes e conscientes do mundo ao nosso redor, e sentir o futuro que está a ponto de surgir.

— Eileen Fisher, fundadora da EILEEN FISHER, Inc.

Este livro nos conduz numa incrível jornada rumo à descoberta do elo que une o enraizamento no corpo, a consciência panorâmica e os sistemas sociais. À medida que Arawana descreve seu processo usando o Teatro da Presença Social, percebemos de que maneira nossos próprios movimentos podem ser problemáticos ou podem ser a chave da criatividade e da coesão do todo.

— Wendy Palmer, Leadership Embodiment

A arte de fazer um movimento verdadeiro é uma afirmação eloquente e inspiradora do poder da arte como prática espiritual e agente de mudança social. Este livro profundo, com várias camadas de sentido, é um bálsamo para o nosso mundo turbulento.

— Meredith Monk, compositora, performer, artista interdisciplinar

A arte de fazer um movimento verdadeiro contribui com firmeza e suavidade para uma época em que precisamos desesperadamente restabelecer o contato com o nosso corpo e compreender o corpo coletivo, a comunidade humana. Este livro é um tesouro e uma prece.

— Dr. Angel Acosta, diretor do programa de fellowship do Garrison Institute

Os ensinamentos suaves de Arawana são imbuídos das qualidades de inspirar, oferecer uma visão e guiar as pessoas pelo movimento da vida — um movimento de aprendizagem, de mudança, de manifestação.

— Larry Yang, autor de Awakening Together: The Spiritual Practice of Inclusivity and Community



TRANS
FORMAR



GENÉSIO LOPES
CONSTITUÍ



ISBN: 978-65-89686-55-2



9 786589 686552